

Contreguns literários em giras de autopublicação: negras escritoras

NKEMBO OLUGBALA SILVA SANTOS*

Resumo: *Sankofar* na diáspora enquanto movimento necessário, eis o convite para a *gira*, o *rolê*, *perambular*. As *azuelas* aqui feitas trazem *visagens* para possibilitar os processos de *axexe* literário de nossos vultos históricos achatados pelo racismo, nas letras, na história, no teatro. Além do além, entender que autoria é girando fora do cânone e das formas restritas de publicação, uma autopublicação, é a *cumeeira* da discussão em tela. Partindo das noções empoeiradas-clássicas de autor, obra e escrita, vem a *escrivência*, enquanto contradispositivo cunhado por Conceição Evaristo, dar *ilá* na cara da literatura cunhada pela branquitude, despachando seu *carrego colonial* que, *gincando*, a rasura com distopia literária representativa antirracista. A *gira* formada, apresento quem vai *gingar* e *azuelar* comigo, donde o *barravento afro-literário* sustenta que negras escritoras trançadas a partir de *ori* e *ara* são *contreguns literários*.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira; Literatura Afro-brasileira; Carrego Colonial; De(s)colonização da literatura.

Contreguns literários in self-publishing giras: black escritoras

Abstract: *Sankofar* in the diaspora as a necessary movement, this is the invitation for the *gira*, the *rolê*, to *perambular*. The *azuelas* made here bring *visagens* to enable the literary *axexe* processes of our historical figures flattened by racism, in letters, in history, in theater. Beyond the beyond, understanding what authorship is this turning outside the canon and the restricted forms of publication, a self-publication, is the *cumeeira* of the discussion on screen. Starting from the classic, dusty notions of author, work and writing, the *escrivência* comes, as a contra-dispositive coined by Conceição Evaristo, throw *Ilá* in the face of the literature coined by whiteness, dispatching his *carrego colonial* that, *gincando*, the erasure with anti-racist representative literary dystopia. The *gira* formed, I present those who will *gingar* and *azuelar* with me, where the *barravento afro-literário*, was able to maintain that black *escritoras* woven from *ori* and *ara* are *literary contreguns*.

Key words: Black-Brazilian Literature; Afro-Brazilian literature; Colonial weight; De(s)colonization of literature.



* NKEMBO OLUGBALA SILVA SANTOS é Mestre em Relações Étnicas e contemporaneidade (PPGREC-UESB). Licenciada em Letras Vernáculas (UESB). Negra, escritora, poetisa, abia e bissexual. Atuou como produtora cultural e relações externas do Sarau Dá Lenda (2016-2018).

1. *Ṣónṣó òbẹ/Odara kò ni orí ẹrù, Láró ye/Ṣónṣó òbẹ, Odara kò ni orí ẹbọ*¹

No terreiro, grande cabaça de vida e cosmogonia Nagô, corpos pretos, brancos, todos vestidos de branco para louvarem deuses de África! De preceito, alguns usam contas fechadas, outros contas abertas e, em meio à essa complexidade de significados seus braços são enrodilhados individualmente por cordões de palha-da-costa chamados de *contra-egum*². Nas religiões de matriz africana, essa espécie de amuleto serve para fechar o corpo e impedir que energias negativas atravessem aqueles e aquelas que estão de preceito ou não, pois é usado também durante eventos fúnebres, por exemplo. De todo modo, como o próprio nome denota, impede que *Eguns* influenciem a energia das pessoas. Esses, por sua vez, são energias desencarnadas e meu pouco tempo dentro da religião e minha posição hierárquica enquanto *abiã* me impedem de atravessar *màriwo*³ ainda que toda uma teoria respalde quem queira fazer falatórios sobre essas energias que circulam e fazem giras ao nosso redor. Para os fins do que desejo discutir neste texto, aqui os *Eguns* são o cânone e a

teoria literária da branquitude presentes no que Junior (2018) chama de *carrego colonial*. Como nos protegemos do eterno retorno que esses “eguns” fazem é a principal *zuela* tocada aqui, *exuzilhando*⁴ as palavras e as coisas afim de que fiquem carregadas de outros sentidos, procedimento afro-filosófico a partir do movimento reflexivo que o gorro vermelho e preto de Exu produz.

Da escrita autoral e *poética*⁵, enquanto uma paixão insuperável com suas centelhas de rebeldia, a *escrevivência* passou de um ato naturalizado para um instrumento de leitura do mundo, uma meta-análise de subjetividades de outras mulheres e homens pretos. O que era antes uma atividade meramente de fruição, torna-se *encruzilhada* que perpassa todo o meu processo educacional, profissional, acadêmico e intelectual. A culminância dessas *trançagens* veio na ocasião de produção do *Minicurso sobre Escrita Descolonial*⁶, cujas participantes, numa gira de trocas literárias, teatrais e “escrevíveis”⁷, novamente tornaram possível o movimento *sankofa*, num giro para conceito analítico afro-teórico-metodológico-diaspórico de como venho

¹Essa é uma controversa cantiga de Exu. Obtive escurecimento por parte de Ogunmide Kiniun e da Iyamoro Lèwá sobre sua tradução e usos contextuais. A cantiga diz “Odara não tem cabeça para levar carrego/faca pontiaguda, Odara não tem cabeça para levar carrego”. Kiniun me informou que no egbé onde é abiyan, o orin é cantado em etútú, ou seja, matança. Já no egbé onde sou abiyan, Iyamoro disse que cantamos em ebó para descarrego ou para que Exu tome conta da festa, da casa, para despachar energias e pessoas ruins e feitiços.

² Estou usando itálico nos termos criados, neologismos, a partir da cosmologia nagô e também para os conceitos já existentes aproveitados e em reflexão aqui cuja referência seja afro-diaspórica.

³ Palha de coqueiro desfiada que serve para ornamentar o barracão. Funciona como proteção e é parte da indumentária de alguns orixás.

⁴ Desdobramento do termo “exuzilhar”, cunhado por Cidinha da Silva (2010).

⁵ Inaugurado aqui, o termo foi cunhado para pensar o cruzo entre a poesia *escrevida* e as relações étnicas e raciais em seu interior e encruzilhadas.

⁶ “As novas histórias (das mulheres negras) de Jequié: escrita de(s)colonial como rasura de estereótipos epistemicidas” (2019), foi realizado durante a XV Semana da Pertença e Educação Afro-brasileira, na UESB, *campus* de Jequié, nos dias 18 e 19 de novembro.

⁷ Aqui estou pensando o termo como um desdobramento do conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, levando em conta a escrita como parte fundamental da vida de quem está presente nesta gira, pensando também minha própria atribuição coo *escrevível*, pois escolhi a *escrevivência* como uma forma de experienciar e viver a vida.

construindo minha autoria, minhas escrevivências e como venho gingando e dialogando com as escrevivências e teorias que não são de minha pertença. Pois é. Naquele momento o objetivo era questionar escritas brancas com poder de fazer viver identidades pretas achatadas, fazendo morrer processos de desachatamento dessas pelo não questionamento do que vinha sendo posto, inda que o momento de rasura dessas escritas da branquitude tenha chegado e esteja chegando cada dia mais. Por isso, desejo *despachar* alguns vultos com essa introdução, Catarina e Quintiliana⁸ e seus resquírios de morte já *axexerizados*⁹ em “Prólogo Indigesto” de dissertação de mestrado (SANTOS, 2020) e em Minicurso, vide o assombramento perpetrado. Em linhas gerais, preciso falar com outras escritas pretas que são escrevivências enquanto *contreguns literários*. Desejo, então, boas-vindas a quem aqui chegou e desejo bom retorno àquelas de quem solicitei presença textual por três longos anos, que retornem e assombrem seu criador, já lhes prestei contas.

Sankofa como emblema de “voltar e pegar o que deixou para trás”¹⁰ acompanha minha trajetória acadêmica desde que me dei conta que há procedimentos tomando-o como princípio afro-metodológico a exemplo da própria coleção “Sankofa” organizada por Elisa Larkin et al (2008), e também do *sanfokar* enquanto princípio filosófico-metodológico propiciado por Wanderson Flor do Nascimento na introdução de “Um Exu em Nova York”

⁸ A crônica está na segunda edição do livro **Capítulo da história de Jequié** (1996) e **A nova história de Jequié** (2017), do historiador Emerson Pinto Araújo. Elas são citadas também em **Casa Confiança** (2008) e **Jequié: síntese histórica e informativa** (2011).

⁹ O rito de *axexe*, dentro das religiões de matriz africana, ketú e bantu pelo menos, dedica-se a

(2019) de Cidinha da Silva. É isso que fazemos tanto no ato de afro-referenciar os nossos e nossas que vieram antes, ou no movimento teórico-analítico de refinar certas categorias de análise, quer seja aquelas que produzimos ou aquelas já produzidas merecedoras dessa visita. O caso aqui é esse: as noções de escrita, autoria e cânone constituídos historicamente precisam ser minimamente revisitadas para irmos adiante e chegar na noção de *escrevivência* de Conceição Evaristo. Suponho que há relações de aproximação e afastamentos entre o processo que Michel Foucault descreve em “O que é um autor” (1969) e o processo que Evaristo constitui dentro da literatura afro-brasileira, incluindo aí a literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) de sua autoria enquanto um cânone das margens. Rasurando a noção de margem, proponho ser a *escrevivência* um contradispositivo literário antirracista.

2. Ebó de Letras: Dar ilá na cara da branquitude

Quando em 1969, em aula pública ao College de France, Michel Foucault dividiu suas reflexões inacabadas com aquele jovem e experiente público, deixou entreaberta a possibilidade de o texto que seria editado depois tornar-se caminho de análise, eis o que ele propõe de imediato com o texto. Assim, Foucault transcorre em narrativas clássicas, desaparecimento de características individuais no sujeito em meio à literatura, questionamentos sobre como considerar o escritor autor de uma obra, qual marco histórico que funda

anualmente homenagear a memória do membro, zelador(a), egbomi, ao mesmo tempo que despacham-se seus pertences para que o *egum* se desapegue das “matérias” deixadas no Aiyê.

¹⁰ “Sewo were fi na wo Sankofa a yenkyi”, nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás.

esse procedimento, bem como as noções de autor, escrita e obra atreladas também que estão no aparecimento do autor a invenção das sociedades capitalistas deste sujeito e da evolução dos dispositivos de controle, do direito e da propriedade privada.

Foucault diz que só passa existir autor na medida em que ele pode ser penalizado pelo que fala, caso emblemático é Gustave Flaubert e sua famosa frase: “Madame Bovary c’est moi”. Assim, há que se considerar que falar de autorias e obras masculinas e brancas, de sujeitos que desejam ser “descentralizados” para ocupar outros lugares de enunciação, é um dado importantíssimo na discussão sobre autoria e obra. Em face dessas discussões, há que se considerar alguns perigos da separação total entre autor/a e obra, sejam os riscos relacionados aos direitos autorais ou à periculosidade por anos executada do autor tomar lugares de enunciação que não lhe são próprios, causando além da falta de representatividade aos sujeitos que ele propõe representar (mulheres negras, homens negros, grupos étnicos outros como ameríndios e judeus, LGBTQI+) também o constrangimento histórico desses enquanto grupo. Há, no entanto, uma distopia literária representativa desses grupos, quer seja a cabaça onde posso agrupar um corpo de textos literários cujo fundamento e função é o desmantelo da utopia da branquitude¹¹.

Quero ampliar a noção acrescentando a representatividade como parte das formas de representação dentro dessa literatura, posto que, se falamos de um cânone literário mundial engendrado pelo olhar e escrita da branquitude, a

distopia observada também tem uma geografia do conhecimento. Isso pode ser observado, por exemplo, em “O Conto de Aia” (a série), cuja realidade se aplica à vida das mulheres, brancas em sua maioria, tendo como coadjuvantes personagens negras, passando por um processo similar ao vivenciado a partir do século XIV pelas mulheres africanas e afro-descendentes escravizadas. Portanto, a distopia literária representativa é vista aqui nos livros de autoras brasileiras como Ana Maria Gonçalves com um “Um defeito de cor” (2006), Conceição Evaristo e “Ponciá Vicêncio” (2017), Cidinha da Silva e “Um Exu em Nova York” (2019), Carolina Maria de Jesus, “Quarto de despejo”(1960) e de afro-americanas como Toni Morrison, “Amada” (2007), Alice Walker, “A cor púrpura” (2009), por exemplo, cujo foco de suas *escrevivências* são as consequências da colonização, escravização, racismo, patriarcado e colonialidade, além de um contato singelo com as imaterialidades nagô-africanas. A crítica que a distopia faz também contém enlaces temporais, mas deve-se levar em consideração que a modernidade funda a colonialidade findado o processo de colonização (MALDONADO-TORRES, 2019), tendo as vidas de africanos e afro-descendentes em diáspora, apesar do marco da modernidade, sob precárias e violentas formas de extermínio, em necropolíticas dos projetos de mortes comemoradas como gol.

Retornando ao conceito de *escrevivência*, é Conceição Evaristo (2017) quem também vai falar sobre a máxima “autores brancos, personagens negros”. Na literatura brasileira durante

¹¹ Segundo Tatiana Nascimento (2020), “a branquitude é um lugar de falar sobre racismo”, lugar esse que é ocupado por pessoas de fenótipo branco. Entretanto, mais que simetria com a cor

da pele branca, a branquitude está diretamente relacionada à supremacia branca, sendo que supremacia é como a branquitude se organiza para manter seus acordos e pactos narcísicos pelo poder.

séculos silenciaram-se autoras negras que estavam produzindo e publicando ao mesmo tempo que autores brancos. Por isso a importância de *escrevivência* como conceito, inclusive enquanto instrumento metodológico. Tanto a autora, quanto o sem número de pesquisadores das literaturas “afro-brasileiras” ou “negro-brasileiras” (CUTI, 2010), vêm fazendo análise do que o termo *escrevivência* enquanto conceito comporta. Embora não seja o objetivo central do presente texto, é necessário destrinchá-lo para um melhor acompanhamento da *gira* aqui proposta e *azuelada*¹².

Escrevivência me interessa enquanto nascida do cotidiano de relações e experiências de vida coletiva e individual das pessoas negras, vivências essas que no constituir do conceito evocadas por Evaristo estavam ela mesma e o seu povo. Nas palavras de Evaristo em entrevista ao Nexo Jornal (2017) a *escrevivência* “rasura a imagem de mãe preta contando histórias para ninar a casa grande”, o que significa também “acordá-los de seus sonos injustos”. Embora um aspecto não pensado seja o como essas pessoas pretas chegam a essa *escrevivência*, se enquanto diário de suas vidas, se enquanto fins de ficcionalizar a realidade ou de apenas desabafo. De toda forma, a *escrevivência* objetiva fazer viver as autoras/es, recuperar humanidades próprias. A *escrevivência* é um dispositivo diaspórico de fazer viver a autora e personagens em contraponto ao fazer e ao deixar-se morrer pelo cânone literário da branquitude/colonialidade. Como dito no início da *gira* (HADDOCK-LOBO, 2020), alguns

vultos precisam ser *axexerizados* da literatura brasileira e assim, outras personagens começam a chegar, dando seus *ilá*¹³ na cara da branquitude. E novos contornos, cores, movimentos, corpos e vozes, costurando por dentro a boca dos vencedores, tornam-se possíveis.

A noção de *corpo/ara* (SOUSA JUNIOR, 2014), também transcorre as linhas e redes que estão sendo tecidas aqui, logo, vejo que a noção de *contregum literário* precisa partir dos efeitos do racismo no corpo de quem escreve, se inscreve e tenta se projetar numa literatura afro-brasileira/negro-brasileira autoral. A literatura de suas autorias fecha seus corpos, e ao mesmo tempo abrem possibilidades outras de transgressão escrita de suas experiências já que, como bem coloca Grada Kilomba (2019), mulheres pretas escrevem sua realidade a partir de seu corpo, de sua agência no mundo, “não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes” (p. 59). Em suma está a tentativa de *despachar* o cânone ocidental branco, que quase sempre teve procedimento de escrita a mimese de processos de outros autores, diferente de uma antropofagia literária. Contraposta ao que se faz na literatura afro-brasileira hoje onde, como Exu, a boca que tudo come, as autoras “comem de tudo” (leem, ouvem, assistem, comem) e colocam para fora, produzem, coisas novas.

Observei esse procedimento na forma como as negras *escrevivências* do *Minicurso de Escrita Descolonial* (2019) são evidenciadas. Destacarei a escrita de Isis Ferreira e Amanda Candido porque

¹² Dependendo do contexto pode ser a ordem para bater palmas e fazer barulho ou mesmo a própria cantiga entoada pelo caboclo e pelas pessoas nos *candomblés* ketú ou angola.

¹³ *Ilá* também é a forma conhecida no *candomblé* pela qual o orixá diz seu nome, o caboclo dá seu brado, e etc. Em suma é “dar o nome”.

besuntada dessas “coisas novas”. É principalmente a partir da autopublicação que essas interlocutoras se inserem no espaço da literatura afro-brasileira ou negro-brasileira. Há uma anterioridade de suas textualidades ao *Minicurso*, o interesse de ambas se inscreve na possibilidade de refletir sobre seus processos de constituição de autoria e também da partilha possibilitada pela *gira* de autorias e autopublicação feitas na ocasião. Entretanto, justifica-se a escolha dessas pessoas pelo perfil observado enquanto autoras/e que têm na escrita e na intelectualidade uma das formas de se esquivar do silêncio racista. Portanto, boas vindas às vozes que estarão sendo lidas e estarão lendo, gingando e *azuelando* conosco.

3. Giras de autopublicação

Em 2017 comecei um processo de escrita fundado na intuição que tinha sobre minha pertença à religião de matriz africana, o candomblé, já expresso desde a capa. Para além de todas as referências que podem ser retiradas do texto na íntegra, o título tornou-se um *barravento* afro-literário e afro-filosófico de discussão quando da ocasião de escrever sobre o *Minicurso de Escrita Descolonial* (2019) de que fui facilitadora. Dizer que alguém tomou um *barravento* no candomblé é falar que está manifestando a presença de entidades, quer sejam orixás, caboclos ou exus e pombagiras, marujos. É um movimento de aspecto denso e vigoroso como também o é o toque homônimo.

Contregum literário, enquanto título do livro de 2017, era apenas uma forma de falar da organização de textos de minha autoria que serviram como proteção para meu *ori* manter-se firme frente às encruzilhadas da vida. Quero tornar evidente, tomados os devidos cuidados que, com o uso do conceito *contregum*

literário, tanto como minha religiosidade e pertença afro-brasileiras perpassam a minha autoria e tomaram corpo no projeto citado, *girando* e *azuelando* com Isis, Amanda e outras/os escritas/es negras/os. *Contregum literário* quer dizer *trançações* e proteção para o *ará* e o *ori* contra as amarras sutis do racismo, é um processo de escrita e autoria literária antirracista por si só para quem escreve, tanto quanto pode vir a ser para quem lê. A escrita fundamenta a proteção para o corpo negro, afro-americano, latino-caribenho, como nos fala Anzaldúa (2000, p. 232): “nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver”. Essa sobrevivência perpassa o ato da *escrevivência*, da rasura de representações errôneas, apagamentos e silenciamentos feitos: “Escrevo para registrar os que os outros apagam quando falo, para escrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (ANZALDÚA, p. 232, 2000). E ainda adverte: “[...] eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita” (ANZALDÚA, p. 233, 2000), posto a já mencionada tradição afirmar “a morte do autor”, ou dos vestígios de autoria, na medida em que escreve.

Negando a escrita como morte, quero começar dialogando com Isis (Foto 1) sendo mediada por Carla Akotirene (2017), intelectual negra da diáspora baiana, *crush* teórica, para quem a interseccionalidade é uma encruzilhada e por seu caráter de caminhos serve-nos enquanto atina, *assunta*, e apura os sentidos a percursos metodológicos de análise menos cartesianos. Aqui, alargo a compreensão da intelectual incluindo a minha, a de que a interseccionalidade é uma encruzilhada e de que expressam e fazem saltar aos olhos a *escrevivência* de artistas, atrizes, escritoras e intelectuais negras.

Enquanto atriz e escritora, mulher negra candomblecista e bissexual, chamo Isis Ferreira para azuelar suas escrevivências nesta *gira* afim de elucidar esse processo, ao se apresentar, diz-nos “*Meu nome é Isis Ferreira, tenho 26 anos, sou uma mulher preta bissexual*” (Entrevista com Isis Ferreira, março de 2020) que com todas as particularidades apresentadas em seu discurso se diferencia de estereótipos racistas. Isis faz parte de uma multidão de mulheres negras que escrevem, refletem afro-diasporicamente sobre seus processos de devir, entre seus rolês cotidianos, *perambulam* por áreas de conhecimento e atuação diversos. Meu encontro recente com sua escrita permite-me dizer que ela sintetiza os dizeres de Evaristo sobre “acordá-los de seus sonos injustos”. Se a branquitude no cânone literário não admite a multiplicidade de vozes, apenas uma voz que é masculina, branca, adulta, classe média alta e quase sempre cristã, ser “*preta, candomblecista, que mora em zona periférica, já é muito difícil, imagina você ser preta, candomblecista, que mora em zona periférica e que ainda é bissexual, por exemplo*” (Isis Ferreira). Isis nos fala sobre dificuldade, mas também sobre imanências e transcendências. Fala de perigos, posto

que “[...] a escrita revela: medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quadrupla” (ANZALDÚA, p. 243, 2000). Fala sobre como é ser um *ara* negro na diáspora, que não é mais “peça” de escravidão, mas tem que gingar e driblar o desencanto perpetrado pela colonialidade. É *ara*, um *ori ô*:

[...] meu corpo recebe a minha escrita muito como complemento do que eu sou, como complemento do que é ser uma mulher preta, do que é ser uma mulher candomblecista, do que é ser uma mulher bissexual, do que é ser uma mulher periférica. E minha cabeça trabalha, meu orí trabalha juntamente com essa ideia também associada minha escrita com minha forma de agir, com minha forma de pensar, com os meus discursos. Muitas vezes a escrita já serviu como uma forma de proteção, sabe, porque é como eu já disse né, muitas vezes você vai acumulando muita coisa, muita coisa, e aí chega o momento que você tem que externar isso de alguma forma. Eu acho que pra mim a melhor forma de externar isso é escrevendo, é colocando isso pra fora na forma de escrita (FERREIRA, 2020).



[Foto 1: Isis em Minicurso de Escrita Descolonial. Arquivo pessoal.]

Essa escrita de Isis propicia o dismantelo de uma branquitude, seja em termos dos resquícios presentes nesse corpo, *ara* negro a partir da colonialidade, seja naquelas e naqueles que leem Isis a partir de suas escritas e performances. Não há a separação ventruviana entre corpo e mente, *ori*, a entidade também reconhecida como cabeça, anterior ao corpo/*ara*, a consciência. Estão ambos trançados ao processo de escrevivência de Isis, contrapondo-se às negativas da mulher negra como “corpo sem mente”, no estigma “mulata exportação” (Elisa Lucinda). No texto abaixo, é possível perceber como ela movimenta o processo de dismantelo a partir da escrita:

Bom dia senhores, viemos até aqui hoje para falarmos sobre nós. Por muito tempo fomos silenciadas, violentadas e posta em cativeiro, mas agora chegou a nossa vez de falar. Eu enquanto mais velha irei falar. Nós aprendemos com nossos antepassados que quando um mais velho fala, os outros ouvem e prestam atenção. Eu poderia começar dizendo que me chamo

Quintiliana, que tenho uma irmã chamada Catarina e que nós vivemos por muito tempo aqui, felizes, sendo quituteiras e sendo reconhecidas pelos senhores de engenho, mas não, eu contarei a história verdadeira e não esta contada por um homem branco, que nem viveu em minha época. Eu me chamo Abiola, nasci em Abeokuta na Nigéria, fui arrancada do meu povo com minha filha ainda pequena, e trazida para cá, escravizada. Esta pessoa que vocês conheceram como Catarina é na verdade minha filha. Abeokuta, quando chegamos aqui servimos de diversão para senhores que vinham de vários lugares para estas terras. Éramos violentadas, açoitadas e tínhamos que saciá-los de todas as formas, então, após seus abusos, aqueles homens nos mandavam para cozinha para prepararmos comidas que aprendemos lá na Nigéria com nossas mães e avós. A nossa rotina era sempre a mesma. Éramos realmente conhecidas como “mãos de fadas”, porque nossas mãos serviam para satisfazer aqueles animais insaciáveis. Depois que foi abolida a escravização nos vimos

“livres”, não tínhamos o que fazer ou para onde ir, mas tínhamos uma coisa que nos fez resistir por muito tempo, tínhamos fé em nossos deuses e a certeza de que nossos antepassados resistiram e nossa nova geração também iria resistir. Chegando aqui hoje e olhando para vocês passo a ver que iremos resistir até o fim. (FERREIRA, 2019)

O movimento que a escrita de Isis buscar fazer ao *sankofar*, introduz uma distopia vivenciada pela população africana trazida em diáspora forçada. Ela está dialogando também com os vultos de Catarina e Quintiliana, já *axexerizados* nessa *gira* que foi o *Minicurso*, e que continua sendo nas reverberações propiciadas pelo movimento de *sankofar* enquanto princípio teórico, filosófico e metodológico. No movimento de Isis dentro da sua escrevivência, ela desconfigura atribuições e categorizações feitas, causando um desmantelo na branquitude e colonialidade, pois seu *ilá* informa que não somos e nem fomos o que a pena colonial e a colonialidade escreveu e escreve. Isis se ergue e se junta na *gira* a outras autoras para se livrar do *carrego colonial* dentro da literatura, do teatro, da música. Autoras intelectuais multidisciplinares. Essas autorias reveladas fazem parte, na encruzilhada, do movimento de autopublicação cujo desencadeamento é obra de um cânone quase sempre branco e com regras e senhas atreladas ao fetiche da mercadoria, publicações que quase sempre carecem de investimentos, seja em tempo ou em dinheiro...

Assim, eu nunca publiquei nenhum texto meu assim que eu escrevi, sabe, ah, não sei porque... Mas é como eu já tinha dito, eu tenho essa ideia de escrever um livro e tal, mas eu ainda não tive esse insight, não tive tanto tempo pra escrever mas eu tenho essa ideia de escrever um livro

e colocar todas as histórias que eu escrevi nesse livro e publicar, com certeza vai ser um livro falando sobre o povo preto, sobre a religião afro-brasileira e, não sei, acho que a maior barreira que eu encontro hoje pra publicar mesmo é a falta de tempo, talvez com essa quarentena aí que a gente tá enfrentando eu tenha mais tempo de escrever e tal, mas é muito difícil também você escrever um livro e publicar ele assim, sabe? Porque você precisa de ajuda, você precisa, sei lá, você precisa ter um incentivo, você precisa ter um apoio até financeiro mesmo, pra poder fazer com que esse projeto dê certo e vá pra frente [...]. (FERREIRA, 2020).

Objetivo da *gira* observada no *Minicurso* e aqui, a autopublicação em tela está no jogo das trocas, de não deixar resto e nem faltantes. Todas participam, todas giram, gingam e podem, resguardadas as limitações, como devem, falar. Nessa encruzilhada, a escrita autoral de Isis fecha e abre seu *ara*, fortalece seu *ori* e sua pertença, denota a multiplicidade de ser infinitesimalmente +1a (RUFINO, 2018). Um outro aspecto que Isis ressalta em suas falas é a gênese de sua escrita como parte de um processo de diálogo com sua prima por meio de cartas:

[...] E quando eu não estava copiando poesias eu estava escrevendo cartas, eu escrevia muitas cartas, pro meus amigos, pra minhas amigas, eu adorava escrever cartas. E eu tenho uma memória afetiva de uma prima minha que eu era muito apegada a ela, e a gente tinha esse gosto em comum de escrever poesias e tal, copiar poesias, e eu me lembro que a gente chegava a escrever palavras soltas em um caderno e tentava depois ligar essas palavras no intuito de depois formar um texto, formar uma poesia, um texto, com a junção dessas palavras que a gente escrevia

assim, aleatórias. (FERREIRA, 2020).

Escrever cartas, poesias, copiar poesias e se comunicar com amigas e amigos a partir da escrita é um traço significativo na vida de outras escritoras como Isis. Enquanto plataforma textual, a carta é utilizada por autores também para dialogar com autoras próximas, ainda que na contemporaneidade seja mais prático e eficaz o uso de e-mail ou mensagens em redes sociais, se virarmos nossa cabeça para trás podemos observar essa plataforma sendo usada por Glória Anzaldúa (2000) e Audre Lorde (1985), por exemplo. Quero destacar a segunda, cujas cartas trocadas com Pat Parker em 1985 (ENSZER, 2018) possuem uma série de orientações ao debruçar-se sobre a escrita e produção literária autoral e a urgência delas, como acoçam o cotidiano feminino negro. Audre escreve: “Beware the terror of not producing. Beware the urge to justify your decision”, o que funciona como orientação para Pat que passa por um momento de mudanças em sua vida e carreira. Essa ressignificação da carta enquanto, menos que um meio de informação e notícias de outrem, que vai se constituindo na vida de algumas conhecidas autoras e ativistas negras para além de Lorde e Parker, na trajetória de Isis é o *barravento* para sua escrita, fazendo com que futuramente ela ressignifique sua relação com a escrita:

Hoje, nesse momento aqui-agora, eu acho que eu ressignifiquei a escrita na minha vida, porque antes a escrita na minha vida era muito pra escrever cartas pros amigos, pra copiar poesia pras pessoas, mas a partir do momento que eu vi que eu era capaz de escrever as minhas próprias poesias também, que eu não precisava ficar copiando as poesias de outras pessoas, no momento em que eu fui percebendo outras formas de escrita também,

porque eu escrevi pouquíssimas poesias na minha vida, devo ter escrito aí umas duas ou três, assim, pra alguma pessoa, com certeza, porque eu não me identifico com essa forma de escrita mais lírica, não me identifico muito, então quando eu chego a escrever poesias assim, é em algum momento muito específico da minha vida. A minha forma de escrita ela é mais objetiva assim, e aí eu escrevo basicamente histórias e textos dramáticos. (FERREIRA, 2020).

Pensando reverberações, além das noções de autor e obra descritos por Michel Foucault (1969), agrego à discussão a noção de dispositivo e contradispositivo, que sem arrudeios estonteantes são o contradiscurso um do outro. Nosso interesse está em contradispositivo (SANTOS, 2017) pelo seu caráter de iconoclastia sincrética, quer seja sua capacidade *exuzínica* (NASCIMENTO, 2019) de engolir e por pra fora novos discursos. Falando dessa capacidade *exuzínica*, Amanda Candido (Foto 2) em suas colocações para essa *gira* nos diz que “[...] minha escrita e também leitura sempre se relacionavam com um desejo de reinventar a minha realidade, então me recordo de ainda criança inventar personagens para escrever e ler coisas, poderia chamar de pseudônimos” (Entrevista com Amanda, maio de 2020). É um pouco desse processo de reinvenção da realidade que Amanda, junto com Brena Lima, fazem neste texto do minicurso de escrita descolonial:

No final do dia é sempre o mesmo esquema: sento no chão da cozinha, retiro o meu pano de cabeça e aproveito os poucos minutos livres pra me sentir. Sentir meus pés, minhas pernas, meus braços, minhas mãos, meu cabelo, meu rosto, minha respiração, meu cansaço, minhas angústias, minhas preocupações,

meus medos. E me pergunto: por que sinto tantas coisas de mim, mas para alguns sou só mãos disponíveis para cozinhar, costas para carregar, corpo para sexualizar? Observava as queimaduras em minhas mãos e, não sei como explicar, mas aquele fogo também queimava meu eu. A cada dia naquele lugar podia sentir queimando meus sonhos, minha fé, minha vontade de ser alguém além de mãos que merecem panelas. Eles dizem que devo estar feliz por minhas comidas serem um sucesso em Jaquieh, mas parece que a minha felicidade é sugada pelas panelas. Ela é o ingrediente principal. A minha infelicidade é saborosa na boca deles, as minhas lágrimas são tempero raro, e no final do dia me sinto como as panelas, vazia. Sentada aqui no chão, imersa em meus pensamentos, percebo que já anoiteceu. O breu da cozinha me engole aos poucos e apenas o som baixo do meu lamento me lembra de que ainda estou ali. Às vezes eu me perco de mim. Já nem sei mais o que separa o suor das lágrimas. No fim das contas, tudo acaba sendo a mesma coisa. O senhor abre a porta da cozinha e, como de costume, me pergunta o que diabos eu estou fazendo longe do fogão. Me fere, mas é apenas mais do mesmo. Me calo, limpo meu rosto cansado nas roupas suadas e engorduradas e volto para as panelas. Penso então com amargura que as pessoas engolem felizes a minha comida sem saber que ali perto, na cozinha quente e sufocante, eu engulo todo o meu caos (**Mãos que escrevem**, CÂNDIDO E LIMA, 2019).

O texto, assim como de Isis, trata da reescrita, ressignificação, reinvenção, da crônica Catarina e Quintiliana. É explícito o exercício e o esforço de trazer para próximo de nós a realidade das mulheres africanas escravizadas, não como a realidade contada na crônica, de

mulheres negras “escravas”, consideradas da família, entre outras atribuições. No texto de Amanda Candido e Brena Lima a rotina de trabalho escravo, de exaustão, física e mental cruzam-se com o ofício da escrita, após o longo dia de trabalho forçado, a personagem senta ao chão da cozinha e escreve, desabafa. Cria, assim, uma forma de manter a saúde mental. Amanda, estudante de psicologia, *trança* sua narrativa sobre si mesma com aspectos relacionados à formação da sua psique:

Escrever para mim é em suma a tentativa de organizar meus pensamentos, minha imaginação, minhas conclusões acerca do mundo e das pessoas, e tentar trazer na escrita um tipo de sinceridade que não permeia a oralidade ocidental. Também escrevo na tentativa de tornar concreta a subjetividade, capturar o que movimenta a psiquê e organizar em textos. (CÂNDIDO, 2020).

Além dos aspectos sobre sua psique, sobre a organização de seu pensamento, ela também relata um desejo de demonstrar uma oralidade não trabalhada na escrita ocidental. Para ela, a escrevivência pode ser entendida como forma de proteção a partir do momento em que “[...] a busca por organizar pode ser entendida como uma forma de proteção, pois deixa as coisas mais ajeitadas, mais nítidas para posicionamentos, para comportamentos, para reflexões de frente a existência” (Entrevista com Amanda, maio de 2020). Como coloca Fanon (2008, p. 33), “Falar é existir absolutamente para o outro”. É desta forma que Amanda se posiciona no mundo, além de escrever sua vida, dando contornos, azuelando noutras frequências e ritmos, ela participa de uma gira coletiva com outras autoras e autores. Falar também é, seguindo Fanon

(2008) assumir uma cultura a partir de uma sintaxe. Assim, Amanda assume o mundo e a cultura que estão em seu corpo, ara, e em seu ori, constituindo sua escrita:

Acredito que como tenho o orisá Ossain muito forte no meu caminho, tenho essa busca por entender as coisas, essa busca por agrupar as ideias, os conhecimentos, ter respostas, ter soluções, e acredito que da forma que o mundo funciona, escrever é uma maneira de se saber das coisas, é muitas vezes na escrita que descobrimos os mistérios que há dentro da pessoa que a produz, os mistérios do ser humano, de sua subjetividade e espiritualidade. (Entrevista com Amanda, maio de 2020)

Reflete também sobre a influência que a imaterialidade de sua espiritualidade tem na materialidade de sua vida pela influência do orixá Ossain em seus caminhos. A necessidade de organizar isso a partir da escrita, constituindo saberes e conhecimentos sobre si e uma outridade, é então, para Amanda, parte da constituição de seu *ori* enquanto entidade maior que traça o destino de cada pessoa. Para ela a espiritualidade é referência para seu trabalho acadêmico, seja na escrita ou na atuação enquanto psicóloga: “[...] muitas vezes de forma explícita, porém nas produções acadêmicas, por exemplo, é de forma mais ampla, utilizo como uma base, meu modo de ver o mundo” (Entrevista com Amanda, maio de 2020). Portanto, a cosmogonia nagô-africana, o emaranhado de conhecimentos organizado a partir do candomblé, é referencial teórico-filosófico-afrodiaspórico. *Escrivivência* e capacidade *exuzínica* enquanto contradipositivo estão presentes nas escritas de Isis e Amanda como mulheres pretas,

intelectuais, escrevíveis, candomblecistas por assim dizer. Suas escritas exercem rasura, desmantelo da branquitude, e trançam *contreguns literários* para e si e os seus, desencadeando *giras* de autoconhecimento, *assuntam* para as formas de publicação e autopublicação que estão sendo utilizadas por essas “autoras não publicadas”, porém autorizadas por si mesmas e seus *ori* e *ara*.

A literatura afro-brasileira ou negro-brasileira (CUTI, 2010), vem sendo referenciada e revisitada como parte dos conhecimentos fundamentais para compreensão e reparação histórica. Amanda abre um diálogo com os escritos de Sousa (1983) sobre o tornar-se negra, quer seja “[...] a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. [...] É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico exigido como mais um requisito da ascensão social, num anseio apaixonado de produção de conhecimento” (p. 17-18). Nas palavras de Amanda,

Já mais para a adolescência e até hoje tenho como referência os acontecimentos e fatos históricos, do passado e do presente, como por exemplo, os processos sistemáticos de emancipação da população africana e diáspora, então são escritores afrodescendentes, de todos os tipos de produção textual, músicos, pintores, dançarinos, atores afrodescendentes, isso na perspectiva de trazer mais realidade às minhas produções e de movimentar esse processo de luta dessa população, já que me vejo como parte dela. (CÂNDIDO, 2020)

Amanda assunta também para um “devir negro” no mundo (MBEMBE, 2014), movimento que produz as mais diversas consequências, quer seja a da reescrita

do negro no mundo, com a sua ressignificação epistêmica enquanto pessoa por autoras e autores da diáspora africana, como a própria Amanda se coloca nessa *gira*. Isis, Amanda e tantas outras que não participam diretamente dessa *gira* são parte desse movimento,

gira exuzínica, cujos movimentos também se caracterizam por um *sankofar* sobre a própria trajetória para propiciar barraventos afro-negro-literários na escrevivência de suas autorias. Deixemos a *gira* girar.



[Foto 2: Amanda Candido e Brena Lima em minicurso de escrita descolonial, 2019]

4. Alafiando

Nesta entrega para a encruzilhada deste “ebó de letras”, a escrita do *Contregum Literário* (2017, não publicado), foi um primeiro toque *barravento*. A partilha feita na *gira* com Amanda, Isis e outros escrevintes, possibilitou a movimentação das reflexões para as quais chamo a atinar aqui. Assuntando para o hoje, depois de passar por outros processos e da minha inserção no candomblé, e o *rolê* pela academia (graduação e mestrado) passo a compreender como o eterno retorno dos vultos históricos construídos dentro da

lógica discursiva fundada pela branquitude estão sempre a vir nos inquietar, nos assombrar, caso de Catarina e Quintiliana. Entretanto, ousamos despachá-los no assuntamento de nossa *escrevivência*. Penso que a *escrevivência* negra autoral pode ter fundamento com o conceito de *contregum literário*, na função de um mesmo feitiço de palavras, “ebó de letras”, para outras autoras e autores negros escrevintes como nós nesta

gira, eis o intuito de estar dando esse rolê. *Aláfia*¹⁴.

Referências

ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas**: Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas, ano 8, 1º semestre, 2000.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG. Letramento. Justificando, 2017.

CUTI, (Luiz Silva). **Literatura Negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo**: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. Nexo Jornal, Juliana Domingos de Lima, 26 de maio de 2017.

ENSZER, Julie R. **Sister Love**: The Letters Of Audre Lorde and Pat Parker 1974-1989. Used with permission of Sinister Wisdom. Letters of Pat Parker copyright © 2018 by Anastasia Dunham-Parker-Brady. Letters of Audre Lorde copyright © 2018 by the Audre Lorde Estate. All rights reserved. Disponível em: <https://lithub.com/i-call-your-name-whenever-i-can-the-letters-of-pat-parker-and-audre-lorde/>. Acessado em: 5/5/2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. O que é um ator? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Correndo Gira**. In: HH Magazine. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/correndo-gira/>. Acesso em: 14/05/2020

JUNIOR, Luiz Rufino. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**. v. 10, n. 1, p. 71-78, Jan/Jun. 2018

JUNIOR, Vilson Caetano de Sousa. **Ara mi, meu corpo**: alimentação e outros temas afro-brasileiros. EDUNEB: Salvador, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantaço**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 3.ed, Antígona, 2014.

SANTOS, Vanessa Caroline Silva. Prólogo Indigesto. In: “**A prosa é longa e o processo é lento**”: o legado afro-jequeense de Dionília Gomes (Filhinha da Feijoada). 2020. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e contemporaneidade – UESB, Bahia, 2020. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgrec/producao-turma-mestrado/turma-2018/>. Acesso em: 14/05/2020

SANTOS, Jair Cardoso dos. **Entre as leis e as letras**: escrituras identitárias negras de Luiz Gama. Quarteto Editora, Salvador: 2017.

SILVA, Cidinha. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

_____. **Exuzilhar**: melhores crônicas de Cidinha da Silva - vol. 1. São Paulo: Kuanza Produções, 2018.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em 2020-05-26
Publicado em 2021-01-01

¹⁴ Meus sinceros e afetuosos agradecimentos a Glauce Souza, professora, mestra e doutoranda

negro-jequeense pela leitura atenta e indicações. A Isis e Amanda, pela troca em gira. Aláfia!